

Fugindo da Cidade da Destruição

Heróis: Legados de Fé—Parte 5

Hebreus 11.7

Introdução

John Bunyan foi um pastor batista na Inglaterra durante os anos difíceis do reinado de Charles II, quando locais independentes de culto foram fechados e a coroa permitia apenas cultos dentro da igreja Anglicana estatal. Por não querer se conformar a isso e por causa de sua persistência em pregar sem uma licença da coroa, Bunyan acabou passando vários anos na prisão de Bedford “por uma questão de consciência,” como ele mesmo dizia. Certa vez, quando lhe prometeram soltar se parasse de pregar, ele deu sua resposta famosa: “Se me soltarem hoje, estarei pregando amanhã.” Deus tinha um plano maior para a influência de Bunyan, pois seria servindo sentença em duas prisões que escreveria o clássico *O Peregrino*. Se ainda não leu esse livro, precisa lê-lo. Deixe-me ler alguns parágrafos para aguçar sua curiosidade:

Em meu sonho, vi um homem vestido em trapos, de pé em algum lugar, com um livro na mão e um enorme peso nas costas. Eu o vi abrindo e lendo o livro. Enquanto lia, chorava e tremia, e exclamou em grande lamento: “O que farei?” Nesse conflito, voltou para casa e se conteve o máximo possível para que sua esposa e filhos não notassem sua perturbação; mas não conseguiu silenciá-la por muito tempo. Por isso, abriu copiosamente sua mente

e coração à esposa e filhos, dizendo-lhes: “Ó, minha querida esposa, e vocês, filhos do meu coração! Estou perdido por razão de um fardo posto sobre mim. Além disso, fui informado de que esta nossa cidade será consumida por fogo do céu. Nessa destruição, eu, você, minha esposa, e vocês, meus filhos, ficaremos em ruínas miseráveis, a não ser que encontremos um escape por meio do qual sermos poupados.”

Sua família ficou maravilhada, não porque criam que seu sonho se tornaria realidade, mas porque pensavam que alguma enfermidade acometia sua mente. Quando a noite chegou, esperaram que o sono acalmasse seu cérebro. Então, às pressas, o colocaram na cama. Quando amanheceu, ele lhes disse: “Estou pior do que nunca.” E lhes falou novamente, mas eles se endureceram. Sua família também tentou erradicar aqueles pensamentos por meio de tratamentos terríveis e violentos; às vezes, eles o ridicularizavam; outras vezes, o censuraram; e ainda outras vezes o ignoravam. Ele caminhava só pelos campos, às vezes lendo, às vezes orando. Assim, ele passou seu tempo por alguns dias.

Num belo dia, quando andava pelos campos, lendo seu livro e profundamente perturbado na

mente, ele caiu em prantos, como já tinha feito antes, dizendo: “O que farei para ser salvo?” Foi aí que viu um homem por nome Evangelista indo até ele. Evangelista perguntou-lhe: “Por que chora?” O homem respondeu: “Senhor, estou condenado à morte e depois disso a julgamento. Temo que este fardo sobre minhas costas me afundará mais fundo do que a cova.” Evangelista replicou: “Se essa é a sua condição, por que não faz nada?” O homem respondeu: “Porque não sei para onde ir.” Apontando o dedo em direção a um campo vasto, Evangelista disse: “Está vendo aquele portão?” O homem disse: “Não.” “Vê aquela luz brilhando adiante?” Ele respondeu: “Acho que sim.”

Então, disse Evangelista: “Tenha aquela luz sempre em vista, suba reto e você verá o portão. Quando bater, você será informado quanto ao que deve fazer.” Então, vi em meu sonho que o homem começou a correr. Ele teve que correr para longe de sua própria porta quando sua família gritou para que voltasse; os vizinhos também saíram para vê-lo correndo. Enquanto corria, alguns zombavam dele, outros o ameaçavam e outros ainda imploravam que voltasse. Mas o homem tapou os ouvidos com seus dedos e correu, gritando: “Vida! Vida! Vida eterna!”¹

E o homem continuou correndo. John Bunyan continua e escreve que dois vizinhos correram atrás do homem para agarrá-lo e leva-lo de volta para casa à força. Mas ao invés disso, Cristão—que é o nome desse homem—lhes disse: “Vocês habitam na Cidade da Destruição... fiquem tranquilos, bons vizinhos, e venham comigo.” Por fim, após uma série de aventuras, Cristão escapa da Cidade da Destruição e entra em segurança na Cidade Celestial. Essa é a história de um homem cuja vida e mensagem anunciaram um julgamento vindouro,

bem como um convite a que outros se juntassem a ele e escapassem da ira por vir.

Quando chegamos a Hebreus 11.7, nos deparamos com um cenário semelhante. Aqui está um homem que tapa seus ouvidos e ignora a ridicularização, ira, rejeição, pecado e tentação ao seu redor. Por mais de 120 anos, ele constrói uma arca e proclama ao seu mundo: “O julgamento está chegando. Venham comigo. Este é o caminho para a vida, vida, vida!”

Em grande parte, os heróis da Bíblia são conhecidos primariamente por alguma coisa. Quando pensamos em Daniel, vemos a cova dos leões; pensamos em Jonas e o grande peixe; em Noé e a arca. Sinceramente, deveríamos pensar primeiramente em Noé e sua fé. Ele é o único herói listado em Hebreus 11 cuja biografia começa e termina com uma referência à sua fé.

Portanto, logo no início, quero destacar dois princípios que surgem diretamente da vida e testemunho de Noé.

1. Primeiro: fé é uma profissão pessoal em meio a incredulidade.

Com maior frequência, corremos para o momento dramático da narrativa e ignoramos o contexto do acontecido. O autor de Hebreus começa dizendo em Hebreus 11.7: ***Pela fé, Noé, divinamente instruído acerca de acontecimentos que ainda não se viam.*** E um desses acontecimentos que não se viam era o julgamento de Deus sobre um mundo incrivelmente perverso.

Homens endemoninhados estavam corrompendo a linhagem piedosa de Sete por meio de ocultismo, perversão sexual e violência. Os heróis nos dias de Noé eram admirados por causa de sua força, poder e domínio perverso sobre outros. O testemunho da geração de Noé nos é apresentado

em Gênesis 6.5:

Viu o SENHOR que a maldade do homem se havia multiplicado na terra e que era continuamente mau todo desígnio do seu coração;

Será que o cenário era tão terrível assim? Quando comparamos as passagens que fazem referência às condições do mundo antes do Dilúvio com as que falam do mundo antes do futuro julgamento com fogo, encontramos várias semelhanças:

- Preocupação com coisas temporárias (Lucas 17.27);
- Rápido avanço tecnológico (Gênesis 4.22);
- Interesses materialistas (Lucas 17.28);
- Devoção desordenada aos prazeres e conforto (Gênesis 4.21);
- Despreocupação com Deus em crença e comportamento (2 Pedro 2.5);
- Rejeição total da aliança do casamento (Gênesis 4.19);
- Rejeição da autoridade da Palavra de Deus (1 Pedro 3.19);
- Crescimento rápido da população (Gênesis 6.1);
- Crescimento da violência e decréscimo de valor da vida humana (Gênesis 4.23);
- Maldade por toda a sociedade (Gênesis 6.5);
- Imoralidade, vício e corrupção como elementos comuns nos relacionamentos (Gênesis 6.12).²

Esses eram os dias de Noé. E eles se assemelham mais e mais aos nossos dias.

Pouco tempo atrás, um seriado estreou na televisão. Conforme descrito por jornais e revistas, o programa marcou um grande avanço para a sociedade. O enredo gira em torno de um casal homossexual que, segundo o canal que transmite o seriado, é uma parceria comprometida e amorosa que tem tudo, menos um bebê. Então, o casal homossexual usa uma mulher solteira par servir de barriga de aluguel a fim de poderem ter um filho juntos. A mídia despejou louvores e elogios sobre esse programa.

Não é segredo algum que grande parte do mundo está pronto para aplaudir “avanços” desse tipo, o que é sinônimo de retrocesso na instituição estabelecida pelo Deus Criador. Isso se torna ainda mais interessante quando descobrimos que, nos dias de Noé, em meio a esse mesmo tipo de devassidão e maldade, existe um testemunho maravilhoso, conforme lemos em Gênesis 6.9: ***Noé era homem justo e íntegro entre os seus contemporâneos; Noé andava com Deus.*** Isso significa que Noé praticamente andava sozinho.

Assim como Cristão em *O Peregrino*, ele é o único homem disposto a crer que o pecador será julgado futuramente por Deus, a não ser que ele escape por um portão que conduz ao topo do Calvário na cruz. Em meio às trevas de devassidão e perversidade, brilha a vela de um homem solitário que viveu, em certo sentido, com os dedos nos ouvidos. Fé é profissão pessoal em meio a incredulidade.

A geração de Noé teve sua lista de heróis—“varões de renome” (Gênesis 6.4); Noé não estava entre eles. Logo no início, então, descobrimos em Noé que viver pela fé busca mais a aprovação de Deus do que o aplauso dos homens. Noé era um

homem que marchava ao som de um tambor diferente.³

2. O segundo princípio da fé é: fé é piedade pessoal em meio a incerteza.

Lemos em Hebreus 11.7:

Pela fé, Noé, divinamente instruído acerca de acontecimentos que ainda não se viam e sendo temente a Deus, aparelhou uma arca para a salvação de sua casa

A palavra *temente* pode ser traduzida como “tendo santo temor.” Ela não indica que Noé tinha medo de Deus; ele tinha uma reverência e respeito devoto à palavra de Deus; ele tinha um coração reverente num mundo de trevas.⁴

Lembre-se do seguinte fato espantoso: o número de pessoas que seguiam o padrão de Deus para o casamento, moralidade, relacionamentos, família e integridade foi reduzido a apenas uma família.⁵ Mais ninguém. Somente uma família entrará na arca, apesar de o mundo inteiro ser convidado.

Isso é bem diferente de hoje, quando em nosso país apenas existem milhões de pessoas seguindo sinceramente o plano de Deus para o casamento, família e moralidade, pessoas corajosas até para proclamar a verdade do pecado e da salvação através de Cristo Jesus somente.

A sociedade de Noé era diferente. Ele está prestes a iniciar uma campanha de pregação de 120 anos e ninguém além de sua família crerá em sua mensagem. Existe apenas um homem aqui disposto a ouvir de Deus e o autor de Hebreus nos informa que Noé foi, então, ***divinamente instruído acerca de acontecimentos que ainda não se viam.***

Quando exploramos as passagens bíblicas em

torno desse herói da fé, descobrimos que Noé recebeu não somente a revelação do julgamento de Deus, mas também os detalhes desse julgamento. Convido sua atenção a Gênesis 6, onde encontramos esses detalhes.

Gênesis 6.14–22 representa 120 anos da vida de Noé. E o motivo porque intitulei esse segundo princípio da fé de “piedade pessoal em meio a incerteza” é porque tudo que Deus mandará Noé fazer será totalmente incerto aos olhos desse homem. Ou seja, Noé terá que fazer coisas nas quais não tinha experiência nenhuma. Deus usará um agricultor para fabricar o maior navio na história da humanidade. Ele terá mais de 18 toneladas e o estaleiro será um dos pastos de Noé. Veja Gênesis 6.13–17:

Então, disse Deus a Noé: Resolvi dar cabo de toda carne, porque a terra está cheia da violência dos homens; eis que os farei perecer juntamente com a terra. Faze uma arca de tábuas de cipreste; nela farás compartimentos e a calafetarás com betume por dentro e por fora... Porque estou para derramar águas em dilúvio sobre a terra para consumir toda carne em que há fôlego de vida debaixo dos céus; tudo o que há na terra perecerá.

Com base nas instruções de Deus a Noé, o Dilúvio cobrirá a terra inteira e matará tudo que têm fôlego de vida. Conforme as dimensões, a arca terá 137 metros de comprimento, 23 de largura e 13 de altura. Somente a área do convés teria quase 9 mil m² e o volume total dos três conveses somaria quase 37 milhões de m³. Engenheiros navais que estudaram esse projeto acreditam que ele foi um dos mais estáveis conhecidos na história.⁶

Agora, não pense que a arca ficou parecida com o *Titanic*. Ela se assemelhava mais a uma balsa. Ela não foi projetada para navegar pela água, mas para

flutuar.⁷ De fato, essa foi uma balsa gigantesca com milhares de compartimentos embutidos suficientes para carregar dois animais de cada espécie, tanto de animais terrestres como aéreos.⁸ Na verdade, com base nas dimensões e no número das espécies de animais terrestres catalogados hoje, só metade do convés foi necessária, o que significa que houve espaço na arca para milhões de pessoas, indivíduos que Noé esperava que se juntassem a ele para escapar da Cidade da Destruição e da ira vindoura de Deus.

Mais um detalhe no projeto dessa arca: não vemos referências a remos, velas, âncora, timão ou leme. Deus cuidaria de todas essas coisas; ele pilotaria; ele seria o Capitão desse navio.

Uma objeção à narrativa da arca e do Dilúvio diz respeito a centenas de milhares de espécies de insetos existentes. Se todos eles foram a bordo, houve espaço suficiente para todos, já que são pequenos. Entretanto, vemos em Gênesis 7 que os animais terrestres a bordo foram apenas os que respiravam por vias aéreas. Vários criacionistas já destacaram o fato que insetos não respiram por narinas, mas por meio de poros minúsculos ou por um tipo de traqueia na parte externa do esqueleto. Assim, eles teriam sobrevivido sobre restos de vegetação sobre a água ou mesmo boiando na superfície, assim como sobrevivem durante enchentes e inundações.⁹

Bom, digamos que você consiga colocar a bordo todas as 35 mil espécies de animais terrestres e aéreos. Um par de cada totaliza 70 mil. Como cuidaria de todos eles por um ano, que é o tempo que Noé e sua família passam dentro da arca?

Uma palavra-chave aparece em Gênesis 6, informando-nos que cada convés foi subdividido em compartimentos. No idioma hebraico, a palavra pode ser entendida como “ninhas.” Noé, portanto,

fez vários ninhos por toda a arca. Apesar de não sabermos o que aconteceu durante a longa jornada, não é exagero imaginar que Deus impôs sobre os vários animais uma hibernação sobrenatural de um ano. É mais provável que Deus tenha colocado os animais num longo sono.

Se cremos nas outras passagens bíblicas, vemos que:

- Deus sobrenaturalmente fechou a boca de leões famintos para que não devorassem Daniel na cova (Daniel 6);
- Deus mandou corvos entregarem pão a Elias (1 Reis 17);
- Ele designou um grande peixe para engolir Jonas e perder o apetite três dias depois (Jonas 1.17);
- Ele fez com que um peixe ficasse com uma moeda na boca para Pedro usá-la para pagar impostos (Mateus 17.27);
- Deus até alterou temporariamente as capacidades mentais e vocais de um jumento, permitindo-o conversar com o profeta Balaão (Números 22.28).

Se Deus pode usar animais como entregadores de comida e fazer com que outros falem, por que não poderia causar uma hibernação demorada?

Existe, ainda, outra evidência de que os animais agem de forma incomum a bordo do navio no decorrer desse ano. Foi somente após os animais saírem da arca que Deus os mandou se multiplicar e encher a terra (Gênesis 8.17). Tudo indica que eles entraram em pares e saíram em pares. Ou seja, coelhos não entraram em pares e saíram com 300 filhotes! Ao final do tempo na arca, Deus removeu a restrição sobrenatural de seus instintos naturais

que os impediu de procriar e se multiplicar, que era o que teria acontecido, caso os animais tivessem permanecido acordados e operando normalmente.¹⁰

Um comentarista destacou que, apesar de Deus mandar Noé estocar comida na arca para os animais (Gênesis 6.21), essa comida deve ter sido usada no final do Dilúvio quando acordaram e partiram descendo pela montanha.

O texto também indica que Deus alterou o padrão de comportamento normal dos animais, de maneira que saíram de seus habitats naturais e fizeram coisas contrárias ao seu instinto natural. Eles andaram em pares até a arca, seguiram ordens e a direção designada pelo Criador para irem aos seus respectivos compartimentos.

Com certeza, alguma coisa diferente aconteceu para fazer com que todos esses animais cooperassem. Não consigo fazer com que minha cachorra se sente! Ela não me ouve! E olha que ela me conhece. Obviamente, Deus realizou algo milagroso para que os animais não somente chegassem até a arca, mas se comportassem perto de pessoas que não conheciam e encontrassem um lugar em meio a centenas de compartimentos.

Recentemente, li uma ilustração desse mesmo problema. Um produtor de filme na Itália tentava retratar a história dos animais e a arca. Muito tempo foi investido para treinar alguns animais de um zoológico a andar em pares e subir a rampa de um modelo da arca. Quando chegou a hora da filmagem, um búfalo se assustou, disparou pela passagem, bateu contra a lateral da arca e foi embora a toda velocidade.¹¹ Isso é o que animais realmente fazem!

Você imagina o desafio que Noé encara? Já faz mais de 100 anos que constrói a arca; Deus lhe disse que os animais iriam até ele e que precisava fazer

ninhos para cada animal terrestre. Não imagine que Noé pensa: “Tranquilo!” Noé pensa: “O que vou fazer com os elefantes?” Deus pede que Noé creia nele e o obedeça a despeito dos milhares de obstáculos que enfrentará, e além das muitas dúvidas que teve quanto à sua capacidade pessoal para essa tarefa.

Dois princípios da fé operaram não somente em seu coração, mas controlaram sua vida inteira:

- Fé é profissão pessoal em meio a incredulidade; e
- Fé é piedade pessoal em meio a incerteza.

E ele continuou.

Permita-me, agora, tratar de algumas objeções ao Dilúvio que aconteceu conforme prometido por Deus. Lemos em Gênesis 7.17–21:

Porque estou para derramar águas em dilúvio sobre a terra para consumir toda carne em que há fôlego de vida debaixo dos céus; tudo o que há na terra perecerá. Contigo, porém, estabelecerei a minha aliança; entrarás na arca, tu e teus filhos, e tua mulher, e as mulheres de teus filhos. De tudo o que vive, de toda carne, dois de cada espécie, macho e fêmea, farás entrar na arca, para os conservares vivos contigo. Das aves segundo as suas espécies, do gado segundo as suas espécies, de todo réptil da terra segundo as suas espécies, dois de cada espécie virão a ti, para os conservares em vida. Leva contigo de tudo o que se come, ajunta-o contigo; ser-te-á para alimento, a ti e a eles.

Apesar da clareza da linguagem bíblica aqui nessa narrativa, fico admirado ao ver muitas pessoas, até mesmo dentro da igreja, alegando que esse foi um dilúvio local, não global. Infelizmente,

muitos crentes transformam o evento de Noé e o Dilúvio num conto folclórico que Deus quis que Moisés inventasse para encorajar o povo de Israel, como se o povo precisasse de uma historinha para animá-los.

O problema com qualquer perspectiva que ignora a historicidade e autenticidade desse evento são as demais declarações na Bíblia. Por exemplo: o profeta Isaías falou do Dilúvio como global (Isaías 54.9); Ezequiel menciona Noé especificamente duas vezes como um homem justo; Lucas inclui Noé na genealogia oficial de Cristo; o apóstolo Pedro usa os eventos de Noé e do Dilúvio global como ilustração para o fogo universal vindouro da ira de Deus; por fim, o próprio Jesus Cristo usou o Dilúvio para se referir ao seu julgamento global que virá quando ele retornar à terra (Mateus 24.37–39).

Além disso, Deus nos deixou um maravilhoso registro fóssil, com fósseis de seres marinhos nos topos de montanhas. Como disse um geólogo criacionista: “Até mesmo nas partes mais elevadas do Monte Everest, existem camadas de fósseis depositadas por água.”¹²

Muitos cientistas crentes têm começado a observar mais de perto as implicações de passagens como o Salmo 104, o qual indica que somente após o Dilúvio Deus ergueu as montanhas e formou os vales. A linguagem no hebraico sugere uma intervenção repentina da parte de Deus ao modificar a topografia da terra durante o Dilúvio.

Temos, hoje, registro suficiente de erupções vulcânicas e inundações modernas que revelam o poder das forças da natureza para erodir e esculpir formações em rocha. Outro dia, li que as águas e ondas de uma inundação arremessaram pedras de 3 toneladas por cima de uma parede de contenção de água e arrastaram blocos de concreto de 30

toneladas a uma distância de 100 metros.¹³

Uma inundação local na cidade de Los Angeles, Estados Unidos, erodiu e transportou mais de 75 mil m³ de destroços e terra. Outra inundação causou uma avalanche nos Andes. As águas, pedras e lama enterraram duas cidades inteiras.¹⁴

A topografia de nosso planeta foi completamente modificada. Cânions foram esculpidos por paredes de águas violentas carregando pedras, lama e madeira, e isso no decorrer de um ano inteiro. Essa catástrofe não somente mudou a paisagem da terra, mas envelheceu o planeta também. O que parece ter ocorrido no decorrer de milhões de anos aconteceu em um ano apenas.

O famoso *Grand Canyon* nos Estados Unidos, por exemplo, não foi formado por erosão do rio Colorado no decorrer de milhões de anos; a única coisa necessária foi a enorme agitação global e proposital quando Deus abriu as fontes do abismo e cobriu a terra com uma enchente gigantesca.

A propósito, não é incomum ver cientistas, geólogos e evolucionistas descrentes explicando descobertas recentes como resultantes de um evento cataclísmico. Lembro de algo que aconteceu quando nossos filhos estavam ainda na segunda série. Numa tarde, um professor de uma universidade da região levou alguns fósseis e até ossos de dinossauros para ensinar às crianças que o mundo tinha milhões de anos. Decidi ir para essa palestra, mas sem meus filhos saberem—não queria deixa-lo nervosos, queria apenas conversar com eles após aquela apresentação do evolucionismo. Eu fiquei lá no fundo do auditório. Quando chegou ao final de sua apresentação, o professor disse que o desaparecimento dos dinossauros continuava sendo um mistério, mas que era possível que algum tipo de desastre tivesse acontecido no planeta. Para

o meu espanto, um de meus filhos ergueu a mão. Pensei: “Vixe... será que ele está acreditando nessa conversa? Será que está migrando para as trevas? O que ele vai dizer na frente de todos os colegas?” O professor lhe deu a palavra e meu filho disse: “Eu sei que desastre foi esse. Foi o Dilúvio.” Depois disso, ele se tornou meu filho predileto.

Mas os dinossauros não viveram milhões de anos atrás? Deixe-me ler algo interessante que jamais será incluído nos livros didáticos de nossos filhos. Trata-se de uma descoberta que indica claramente que ossos de dinossauros não são tão antigos como cientistas evolucionistas afirmam.

Cerca de 20 anos atrás, cientistas da universidade americana do estado de Montana encontraram ossos de Tiranossauro-rex ainda não fossilizados. Os pedaços de ossos foram considerados ossos ainda frescos. Se eles tivessem realmente milhões de anos, então as células de sangue teriam se desintegrado completamente. O relatório de um desses cientistas dizia: “O laboratório se encheu de grande animação porque eu tinha focado em algo dentro dos vasos que nenhum de nós havia notado antes: pequenos objetos redondos, vermelhos translúcidos com uma parte escura no meio... glóbulos vermelhos. Células sanguíneas são em sua maioria compostas por água e não poderiam ter sido preservadas em um

tiranossauro de 65 milhões de anos. Aqueles eram, de fato, fragmentos de hemoglobina.”¹⁵ Pouca coisa foi dita a respeito disso depois da descoberta. As implicações são grandes demais.

Conclusão

Existem pelo menos duas lições óbvias que aprendemos de imediato com nossa apresentação a Noé, esse homem de grande fé.

1. Primeiro: fé é obediência a despeito de obstáculos.

Você consegue imaginar os obstáculos que Noé encarou? Não existem caminhonetes, tratores, motosserras ou guindastes. Mesmo assim, Noé crê na palavra de Deus e constrói um barco maior do que sua imaginação podia conceber.

2. Segundo: fé é obediência a despeito da falta de experiência.

Deus não escolheu Noé porque ele sabia como construir barcos e cuidar de elefantes. A única qualificação que Noé possuía era que Noé andava com Deus e Deus o prepararia para tudo o que vinha pela frente. E essa acontece de ser a mesma história de fé na vida de cada crente disposto a andar com Deus.

Este manuscrito pertence a Stephen Davey, pregado no dia 07/10/2012

©Copyright 2012 Stephen Davey

Todos os direitos reservados

¹ Adaptado de John Bunyan, *O Peregrino*.

² Adaptado de Henry Morris, *The Genesis Record* (Baker, 1976), p. 174.

³ Charles R. Swindoll, *The Practical Life of Faith: A Study of Hebrews 11–13* (Insight for Living, 1989), p. 12.

⁴ R. Kent Hughes, *Hebrews: Volume 2* (Crossway, 1993), p. 88.

-
- ⁵ *The Life Application Bible: Hebrews* (Tyndale House, 1997), p. 181.
- ⁶ John MacArthur, *Hebrews* (Moody, 1983), p. 320.
- ⁷ John Whitcomb, *The World that Perished* (Baker, 1988), p. 25.
- ⁸ *Ibid.*, p. 24.
- ⁹ Don Batten et. al, *The Answers Book* (Master Books, 1990), p. 180.
- ¹⁰ Adaptado de Whitcomb, p. 34.
- ¹¹ *Ibid.*, 26.
- ¹² Ham, p. 176.
- ¹³ Whitcomb, p. 70.
- ¹⁴ *Ibid.*, p. 69.
- ¹⁵ Ken Ham, *The Great Dinosaur Mystery Solved* (Master Books, 2000), p. 18.